

A ARQUEOLOGIA E O POTENCIAL DE RETORNO SOCIAL: SINOS DE BRONZE, PESCADORES, E A VILA SANTA ISABEL.

LEONARDO SILVA SENS¹; RAFAEL CORTELETTI²

¹Universidade Federal de Pelotas – leonardosens@gmail.com

²Universidade Federal de Pelotas) – cortelettigd@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

As atividades foram desenvolvidas na disciplina de Prática de Campo II, do bacharelado de Antropologia com linha de formação em Arqueologia da UFPEL (Universidade Federal de Pelotas), dão seguimento a um projeto que já havia começado no primeiro semestre de 2018 seguindo até o segundo semestre de 2019, tendo não só a finalidade de formação prática e ensino na graduação, mas também de produzir retornos sociais através dos relatórios e dados produzidos em campo. A atividade prática acontece na REBIO - Mato Grande (Reserva Biológica do Mato Grande), no município de Arroio Grande – RS.

Em 12 de março de 1975, nasce a Reserva Biológica do Mato Grande (Decreto nº 23.798), numa área de aproximadamente 5.161ha, localizada no município de Arroio Grande - RS, incluindo o bioma de Mata Atlântica, com as paisagens alagadas do Banhado Mato Grande, junto a Lagoa Mirim e o Canal de São Gonçalo, a sudoeste de Santa Isabel do Sul (SEMA-RS, 2019).

Dois objetivos principais norteiam as atividades realizadas na reserva ambiental: identificar e catalogar no banco de dados do IPHAN (Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional) os sítios arqueológicos identificados durante as saídas de campo; produzir um relatório, que será subsídio para a confecção do Plano de Manejo da REBIO, através do seu potencial arqueológico, dados geográficos, fotografias, topografia de sítios, e todo o tipo de informação gerada nas prospecções arqueológicas.

Como exemplo de trabalhos feitos em contexto arqueológicos existente dentro de UC (Unidade de Conservação), e ainda sob agência humana, podemos citar o levantamento de potencial arqueológico feito por Alenice Baeta e Henrique Piló, que também serviu para a construção do plano de manejo em três UC estaduais, (Parques Estaduais do Pico do Itambé-PEPI, Rio Preto-PERP e Biribiri-PEB), na região de Diamantina em Minas Gerais, onde foram feitos diagnósticos a fim de entender não só o potencial arqueológico das UC, mas também quais seriam de acessos parciais, restritos ou totais aos visitantes (BAETA E PILÓ, 2013).

O Plano de Manejo é o documento onde constam as regras de visitação da UC, bem como um instrumento de muita importância para a promover interação econômica e social com a comunidade local, e tornar mais estável a área de conservação. Segundo o site oficial do Ministério do Meio Ambiente e Infraestrutura, “Após a criação de uma UC, o plano de manejo deve ser elaborado em um prazo máximo de cinco anos. É parte obrigatória do processo de criação e estabelecimento de uma UC. Toda UC deve ter um plano de manejo, que deve ser elaborado em função dos objetivos gerais pelos quais ela foi criada”. (MMA, 2019) Ou seja, a criação desse documento é parte obrigatória do processo de criação e estabelecimento de uma UC, sendo um trabalho que gera retorno social através da manutenção da ReBio Mato Grande, e das suas relações com a comunidade

Em uma das saídas de campo, fui à Vila Santa Isabel - RS, que está geograficamente ao lado da área da ReBio Mato Grande, e as margens do Canal São Gonçalo. Fui acompanhado apenas pelo Prof. Jaime Mujica, enquanto esperava o retorno da lancha para nos levar a Lagoa Mirim, e posteriormente a parte interna da ReBio. Lá pude entrar em contato com algumas pessoas, e conhecer não só a igreja central da vila, e sua materialidade na perspectiva arqueológica, mas a situação dos pescadores, e da realidade difícil que assola as pessoas do local. Como já citado, se o plano de manejo visa também promover interação social com a comunidade local, a atenção não podia ser dada apenas aos sítios arqueológicos, mas também aos moradores locais, com quem a interação social deve ser promovida não só a respeito da reserva, mas do patrimônio arqueológico também, sendo essa última, uma demanda do corpo docente e discente envolvido.

Dessa forma, meu relatório ganhou mais um enfoque: conhecer e integrar as percepções da população da vila sobre a realidade local, conectando as narrativas com o bioma, a ReBio e o patrimônio arqueológico.

2. METODOLOGIA

A inserção na Vila Santa Isabel se deu por um exercício etnográfico, não foram feitas entrevistas e nem houve programações específicas ou roteiros, tampouco teve tempo hábil, frequência ou metodologia para constituir uma etnografia. Locais foram visitados e pessoas contatadas, em uma sociabilização espontânea e fluida. O registro da paisagem foi feito com fotografias, usando uma câmera **Sony Cyber Shot DSC-HX300** lente **Carl Zeiss 2,8-6,3/4,3-215**. As fotos foram tratadas no software **Lightroom CC 2015**. E toda a experiência dessa passagem pela vila e o recurso imagético, integraram o relatório final da disciplina em um capítulo exclusivo, para o qual também foi feito um levantamento histórico do lugar.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Não foram feitas fotografias do itinerário, ou das pessoas, para não causar muito estranhamento em um primeiro momento, porém, fotografei os sinos de bronze da igreja de Vila Santa Isabel, para o Prof. Jaime Mujica, que trabalha no laboratório LÂMINA (Laboratório Multidisciplinar de Investigação Arqueológica), onde fazem restauração de material arqueológico metálico, e tinha interesse em analisar as condições dos sinos da igreja, saber se ainda funcionavam e se seria interessante um processo de restauração.

Conhecemos um pescador local, que chamarei de Teo. Ele nos abordou enquanto mexíamos em um pé de boldo em frente a sua casa, e nos contou muito sobre a situação da pesca na vila, como muitas famílias tem seu sustento através dessa prática e como o canal São Gonçalo, após a construção da eclusa, progressivamente se torna menos rentável, e com a ocorrência de peixes estuarinos extremamente baixa, ou ausente, como exemplo da corvina (*Micropogonias furnieri*), e os bagres de água salgada (*Genidens sp.*). Ele também nos indica a casa de uma sra “antiga”, moradora da vila, que podia nos contar muito sobre o local e sobre a igreja, que diz ele funcionar semanalmente, sendo missas e eventos realizados na igreja importantes momentos de socialização da vila.

Teo também nos conta sobre o passado histórico da vila, e como ela vem sendo marginalizada gradualmente ao longo dos anos. Fala que a vila viria a se

tornar Pelotas, e que a escola que existe lá, foi feita em construções que viriam a ser o quartel, que hoje está em Pelotas, mas que no fim, a decisão foi construir a cidade em outra vila, que deu origem a Pelotas que conhecemos hoje.

Comenta também da balsa que não funciona mais, os peixes que não adentram o São Gonçalo, e a crise financeira dos moradores locais. Ele nos oferece um serviço de pesca, no qual ele leva de barco pescadores amadores ou não, da cidade, a alguns pontos específicos nas marges do São Gonçalo, sentido Lagoa Mirim, e depois os busca no fim do dia. Afirma que por vezes, a renda através dessa prática é maior do que pela pesca, e por fim, ele nos passa o nome de seu barco, e seu número de **whatsapp**. Nos despedimos e seguimos rumo a casa da senhora que nos foi indicada, mas ela não estava em casa, e não conseguimos contato. Seguimos então contornando o centro da vila, onde se localiza a igreja em direção a escola, e lá pude ver alguns muros e uma praça, tipicamente militares, algo que conheço bem pelos meus anos de caserna.

Visitei um armazém local, com produtos diversos, inclusive voltados a pesca, e tive diálogos breves, onde me perguntaram de onde eu era, e disseram para que me sentisse a vontade. Durante todo o trajeto, as pessoas das casas nos cumprimentavam, e nos observavam de longe, ou faziam comentários sobre nós, como ouviamos vindo de algumas crianças.

Na saída da vila, passei pelo local onde eles atracam os diversos barcos, cada um com seu nome, e aí sim, fiz algumas fotografias. A lancha chegou logo que saímos, e no trajeto de ida e volta, pude fotografar alguns pescadores da vila em atividade no canal São Gonçalo. Por fim, presenciei uma situação delicada entre um pescador o guarda florestal e o chefe da reserva. Ele havia usado de métodos impróprios para pescar irregularmente, e teve seus espinheis e linhas retirados pelos membros da reserva. Em uma situação de vulnerabilidade, o pescador argumenta sobre a dificuldade de “ganhar o pão”, o sustento da família, de uma parente adoecida, e da necessidade de que lhe devolvam as ferramentas, pois ele perdeu ali um dia de pesca, e o que havia pescado com linha, eram poucos jundiás pequenos.

A narrativa de Teo, e o atrito entre a situação dos pescadores e a ReBio, foram postos no relatório, em um capítulo dedicado apenas a Vila Santa Isabel, endossado com revisão bibliográfica e atividades realizadas anteriormente na vila pela mídia local. Esse relatório foi finalizado e será usado para endossar o plano de manejo da ReBio.

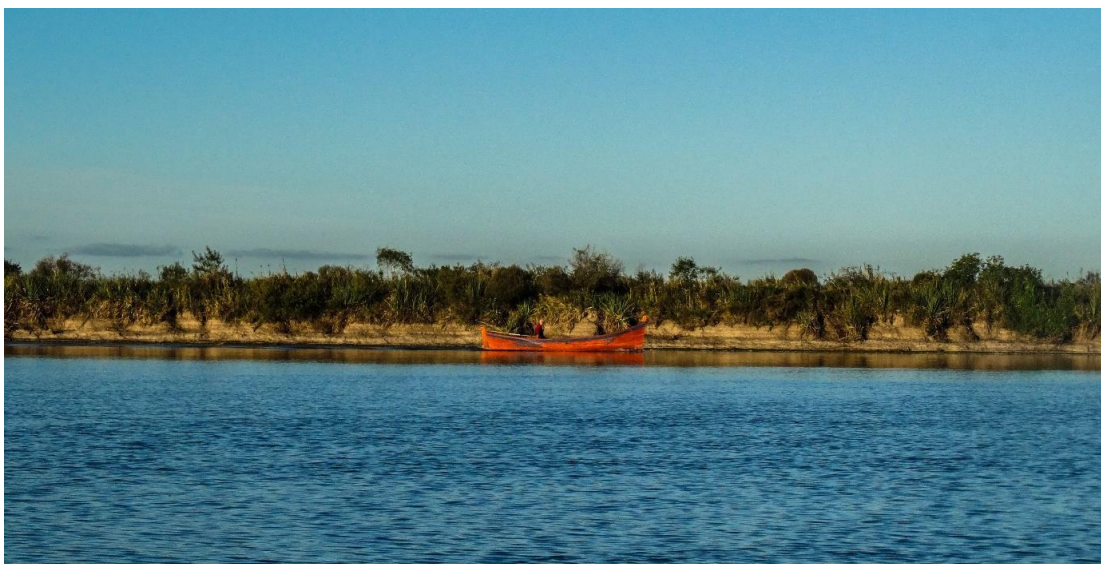


Figura 1 - Pescador da Vila Santa Isabel trabalhando no Canal São Gonçalo

4. CONCLUSÕES

Um projeto, e uma prática que visava a elaboração do plano de manejo através do potencial arqueológico, acaba se desdobrando em uma outra faceta. A população de Vila Santa Isabel pode não só ser interessante para pensar o material do séc XIX identificado em alguns sítios, como também um ponto de partida pra entender relações de pesca e sociabilidade as margens do São Gonçalo. Da mesma forma que muitos sítios foram encontrados também próximos a corpos d'água, do Canal São Gonçalo ou da Lagoa Mirim, evidenciando pessoas vivendo em e apartir desse ambiente, a vila é também um exemplo de ocupação desse território, ainda ativa na contemporânieidade. Além disso, o olhar sob essa população é essencial, já que nos proporciona a possibilidade de gerar um retorno social com os trabalhos desenvolvidos na UFPEL, e com o plano de manejo da ReBio.

A situação marginalizada da vila, as narrativas de Teo, e o conflito presenciado deixam evidente a dinâmica existente entre varios fatores que precisam ser articulados para pensar arqueologicamente e socialmente esse lugar. A criação da eclusa, o plano de manejo da ReBio, a realidade da Vila Santa Isabel, e os pescadores que vivem no bioma compartilhado não só por todos os citados, mas também pelas populações históricas e pré-coloniais que habitaram os mesmos espaços, tornando-os hoje, um palco atemporal compartilhado por todo esse elenco.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRASIL. **Decreto nº 23.798, de 12 de março de 1975.** Cria Parques Estaduais e Reservas Biológicas e dá outras providências. Palácio Piratini, em Porto Alegre, 12 de março de 1975.

BAETA. A. M. e PILÓ. H. Arqueologia em Unidades de Conservação na Região de Diamantina – MG. As sucessivas ocupações de suas paisagens e cavidades. **Revista Espinhaço**. P. 200-212, 2013.

MINISTÉRIO DO MEIO AMBIENTE. (s.d.). **Plano de Manejo**. Acesso em 05 de Maio de 2019, disponível em: <http://www.mma.gov.br/areas-protegidas/unidades-de-conservacao/plano-de-manejo>

SECRETARIA DO MEIO AMBIENTE E INFRA ESTRUTURA. (s.d.). **Reserva Biológica de Mato Grande**. Acesso em 05 de Maio de 2019, disponível em: <https://www.sema.rs.gov.br/reserva-biologica-do-mato-grande>